

## Na encruzilhada de seu Exu

**Jonson Ney Dias da Silva**

Vitória da Conquista, Bahia - Brasil

jonson.dias@uesb.edu.br

Doutor em Educação Matemática

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

<https://orcid.org/0000-0002-9575-2648>

Toda cidade tem seu coração. Aqui, ele bate numa encruzilhada de terra batida, quente como chapa de ferro ao meio-dia. Quatro caminhos se cruzam sem placa, sem direção, como se o destino fosse deixado ao sabor do acaso – ou da escolha. É ali que a vida acontece com gosto de dendê, cheiro de feira e som de televisão velha em volume alto.

Do meu posto de vigia, no primeiro andar do prédio que fica numa das esquinas, acompanho tudo com o olhar de quem nunca se cansa do movimento. A janela é meu palco, e a rua, o espetáculo. Tem gente que passa apressada, gente que para pra conversar, gente que só observa. Cada um do seu jeito, mas todos atravessando a encruzilhada como quem responde a um chamado antigo.

Numa das esquinas, está o famoso bar do Seu Joca. Dizem que lá tem a melhor cachaça da cidade – e talvez tenha mesmo, porque vive cheio. Não é raro escutar gargalhadas que se misturam ao som do jogo na televisão, comentários acalorados que vão do agudo ao grave, como uma sinfonia desorganizada e cheia de vida. Aquilo não é só um bar, é quase um centro de encontros masculinos, um terreiro da fala, um altar da prosa.

Na esquina oposta, reina Dona Conceição com sua barraca de acarajé. Às cinco da tarde, como se obedecesse a um relógio ancestral, ela aparece. Monta sua barraquinha, esquentando o óleo de dendê e começa a preparar seus bolinhos que, fritando, anunciam o início da festa olfativa. Caruru, vatapá, camarão, salada. É só o cheiro subir que a fila se forma, quase como se fosse um ritual. E talvez seja mesmo.

Entre o bar e o acarajé, na outra esquina, um espaço antes esquecido virou feira. Era só um terreno baldio, chão duro e mato alto, até que alguém resolveu plantar futuro ali.

Vieram os primeiros, capinaram, cercaram. Vieram outros. Hoje, há barracas coloridas vendendo de tudo: legumes, cereais, folhas de banho, defumações. A feira pulsa como um coração coletivo, batendo no ritmo de quem planta, colhe e acredita.

Tem Seu Antônio com sua tapioca macia, o milho fresco e o feijão que cheira a roça. Tem Dona Josefa com seus caldos fumegantes, pães artesanais, bolos cheios de memória. Tem ainda Seu José, que chega cedo e repete, com orgulho, que tudo o que vende vem da sua terra. "É agricultura familiar", ele diz, com o peito inflado como quem carrega uma bandeira.

E eu sigo ali, de café na mão e olhos atentos, entre goles e pensamentos. Pela manhã, a feira desperta a rua com sons, cores e aromas. Tudo vibra. As pessoas circulam como abelhas num campo florido, cada uma com seu destino, mas todas se encontrando no meio do caminho. Um vai-e-vem sem fim.

Certa vez, Dona Conceição, antes de montar sua barraca, me confidenciou: "Essa encruzilhada aqui é de Exu. É ponto de força, de fala, de movimento." E aquilo fez sentido. Porque Exu é o dono dos caminhos, dos encontros, das palavras que conectam. E essa esquina, ah, essa esquina é puro Exu. É palavra, é troca, é passagem.

Ali, tudo conversa: gente, cheiro, cor, som, silêncio. É um universo em miniatura, onde cada canto tem sua história, cada pessoa seu rito, cada barraca seu altar. Uma encruzilhada sem placa, mas cheia de sentido. Onde a vida não apenas passa — ela se encontra.

Às vezes, fico pensando que todo esse contexto é uma grande sala de aula. Aliás, talvez seja mais do que isso. É uma escola sem paredes, sem quadro negro, mas com uma lousa viva feita de encontros, vozes e saberes. É uma escola onde o currículo é o cotidiano e onde o tempo de aprender não tem sino para tocar.

Na feira, no bar, na barraca de Dona Conceição, eu vejo acontecerem aulas que não caberiam num livro. São tantos aprendizados que recebo só de ficar ali, na janela, admirando o vai e vem das pessoas. Vejo conversas se desenrolando como se fossem

roteiros improvisados de uma peça de teatro popular, e no meio delas, vejo saberes brotando – saberes profundos, vivos, pulsantes.

Outro dia, mesmo, vi uma senhora cruzando o caminho e parando para falar com Dona Josefa, a que vende caldos, bolos e quitutes na feira. A conversa começou simples, como quem troca gentilezas. Mas logo virou consulta. A senhora dizia sentir dores na garganta, e foi aí que Dona Josefa começou sua aula sobre folhas e curas. Falou de mastruz com a sabedoria de quem carrega um diploma herdado de mãe e avó. Falou da erva-doce para acalmar o estômago, do boldo, da arruda, da espinheira-santa. E à medida que falava, suas mãos iam gesticulando, desenhando no ar os caminhos dos remédios e das energias. Fiquei ali, encantado, como quem assiste a uma palestra sobre fitoterapia ancestral.

Dias depois, foi Seu Pedro quem deu sua aula. Falava com um menino sobre um homem que frequentava o bar, e que, segundo ele, conhecia histórias que não estavam nos livros. Falou de antigos governadores da Bahia, de episódios esquecidos, de revoltas abafadas, de personagens invisibilizados. Era história oral, viva, uma narrativa que serpenteava entre o passado e o presente. E o menino ouvia com os olhos arregalados, talvez pela primeira vez descobrindo que a história do lugar onde vive é tão rica quanto qualquer capítulo escolar.

Mas, se tem uma coisa que me fascina mesmo, são as matemáticas. Isso, no plural. Porque ali, naquela feira, no bar, no acarajé, ou seja, na encruzilhada, tem uma matemática que não se ensina na escola, mas se aprende com a prática, com o olho, com a mão. É negociação, é medida, é conta rápida de cabeça, é cálculo feito em voz alta e muitas vezes em tom de disputa. “Isso aí não dá meio quilo, não!”, “Vai levar três por cinco ou cinco por sete?”, “Pese direito esse feijão, que litro de feijão não, menino!” – frases que são pequenas equações cotidianas, resolvidas sem papel nem lápis, mas com sabedoria afiada.

A feira tem seu próprio sistema métrico, sua própria lógica econômica, seu jeito de organizar o mundo. Os feirantes dominam tabelas invisíveis, regras de mercado que variam conforme a hora, o clima, o freguês. É uma ciência viva, uma matemática social, uma

aritmética da sobrevivência. E quando há confusão – porque sempre tem – é quase como se fosse uma prova surpresa, daquelas que testam a paciência e a habilidade.

Começando com um amigo, que outro dia me disse uma coisa que não me saiu mais da cabeça:

— Às vezes, a matemática da feira não é matemática, não do jeito que a gente conhece.

E é isso mesmo. Lá na feira, o argumento não é de régua e compasso. Às vezes, o que chamamos de matemática na escola não tem qualquer poder ali. Outras vezes, é como se a matemática escolar não falasse a mesma língua. Os cálculos estão ali, sim, vivos e pulsantes — mas os códigos são outros, as lógicas seguem caminhos próprios.

Foi então que me peguei num devaneio, ali mesmo, na janela com meu café esfriando na mão. Como é que tudo isso entra na escola? Aliás, entra?

Ah, sim, esqueci de me apresentar. Sou professor de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. Desses que sempre carrega um caderninho no bolso e uma escuta nas pontas dos dedos. E, cá entre nós, aprendo mundo na janela, porque vejo as pessoas que depois encontro na sala de aula. Vejo Seu Antônio discutindo o preço do feijão e, horas depois, lá está ele sentado com seu caderno e lápis, tentando escrever seu nome de novo, agora com um certo orgulho. Vejo Dona Conceição fritando acarajé na esquina, enquanto a filha, minha aluna, me conta dos sonhos de estudar enfermagem.

Outro dia mesmo, levei uma questão para a sala que envolvia cálculos de metros, pra ver como andava o entendimento. Um dos alunos, frequentador do bar de seu Joca, cruzou os braços, franziu a testa e disse:

— Professor, isso aí tá errado.

Eu, acostumado a essas interrupções que viram aprendizado, apenas incentivei:

— Fale aí, meu velho.

E ele falou. Falou de prato, de braçada, de olho medidor, de prática de vida. Contou como calcula a metragem da terra que arava durante o dia. E não era só ele: os colegas entraram no debate, corrigindo, afinando os cálculos, negociando medidas como quem negocia significados. Ali, a sala virou aquela encruzilhada. Virou vida.

E eu, que antes estava no lugar do professor, de repente era só mais um, escutando. E entendendo que matemática também tem cheiro, tem sotaque, tem corpo. Não que a matemática dos livros seja menor. Mas ela é só mais uma entre tantas. E quando a matemática da vida entra, a sala se acende. As conversas se cruzam como caminhos de encruzilhada. A gente se olha diferente, com mais verdade. Fica tudo mais humano.

Esses dias estive na casa de candomblé. Gosto de ir, de sentar e escutar. Lá, o tempo tem outro ritmo, o conhecimento também. Estava conversando com Pai Zé, que me disse algo que ecoa até agora:

— Professor, o terreiro é uma escola. A rua é uma escola. A encruzilhada é uma escola. A gente produz ciência também, sabia? Mas a escola oficial... quase nunca nos vê. Somos como diz Exu: o povo de rua, e povo de rua nunca é levado a sério.

Fiquei em silêncio. Aquelas palavras pesaram como sentença. E eram. A rua ensina. A feira ensina. O bar do Seu Joca ensina. O cheiro do dendê ensina. O jeito como se negocia o prato do quiabo, como se calcula o troco sem calculadora, como se reconhece o peso da batata na palma da mão, o litro do feijão — tudo isso é saber.

E eu, professor dessa gente toda, sigo tentando costurar as pontas. Sigo tentando fazer com que o saber da rua entre na sala. Que a filha de Dona Conceição veja valor no que aprendeu fritando acarajé com a mãe. Que Seu Antônio perceba que o que ele faz na feira é álgebra viva. Que Pai Zé veja que sua fala também é cátedra.

No fim, fico aqui, na janela, pensando: quantas escolas cabem dentro de uma encruzilhada? Quantas matemáticas há numa feira livre? Quantos matemáticos invisíveis caminham de chinelo pela rua?

E o mais bonito: quantos saberes vivem por aí, esperando apenas serem reconhecidos?

Fico pensando: por que a escola, aquela com paredes, quadro e silêncio, ainda não aprendeu com a feira? Por que não reconhece esses saberes que florescem fora dos muros? Observar essa encruzilhada me ensina sobre muitas coisas. Me ensina que aprender é antes de tudo escutar, observar, respeitar os tempos e os jeitos de cada um. E

que ensinar pode ser um simples gesto de compartilhar o que se sabe – uma receita, uma história, uma conta, uma folha.

Sim, essa encruzilhada tem algo de sagrado. É como se fosse um templo de saberes do povo. Um ponto de Exu, como disse Dona Conceição. Um lugar onde a fala circula, onde os caminhos se abrem, onde o aprendizado é constante – e onde, todo santo dia, eu tenho aula. Mesmo sem ter saído de casa.

E como diz Exu: quem não escuta o que vem da rua, não aprende o que move o mundo.

## Na encruzilhada de seu Exu

## At the crossroads of his Exu

## En la encrucijada de su Exu

### Resumo

A crônica “Na encruzilhada de seu Exu” retrata a vivência cotidiana numa esquina vibrante de uma cidade, marcada por encontros, saberes e afetos. O narrador, um professor da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, observa da janela a feira, o bar, a barraca de acarajé e as pessoas que por ali passam. Ele reconhece na encruzilhada um espaço de aprendizagem viva, onde se ensinam matemáticas, histórias e curas populares. Inspirado pela figura simbólica de Exu, o texto propõe uma valorização dos saberes populares como legítimos e essenciais à educação. A encruzilhada, afinal, é uma escola.

**Palavras-chave:** Exu. Encruzilhada. Educação de jovens, adultos e idosos. Saberes populares. Feira.

### Abstract

The chronicle “At the crossroads of his Exu” portrays everyday life at a vibrant street corner in a city, marked by encounters, knowledge, and affection. The narrator, a teacher of Youth and Adult Education, observes from his window the market, the bar, the acarajé stand, and the people passing by. He recognizes the crossroads as a space of living learning, where mathematics, stories, and popular healing practices are taught. Inspired by the symbolic figure of Exu, the text advocates for the appreciation of popular knowledge as legitimate and essential to education. The crossroads, after all, is a school.

**Keywords:** Exu. Crossroads. Youth and Adult Education. Popular knowledge. Street market.

### Resumen

La crónica “En la encrucijada de su Exu” retrata la vivencia cotidiana en una esquina vibrante de una ciudad, marcada por encuentros, saberes y afectos. El narrador, un profesor de Educación de Jóvenes, Adultos y Mayores, observa desde la ventana la feria, el bar, el puesto de acarajé y las personas que por allí pasan. Reconoce en la encrucijada un espacio de aprendizaje vivo, donde se enseñan matemáticas, historias y curas populares. Inspirado por la figura simbólica de Exu, el texto propone una valoración de los saberes populares como legítimos y esenciales para la educación. La encrucijada, al fin y al cabo, es una escuela.

**Palabras clave:** Exu. Encrucijada. Educación de jóvenes, adultos y mayores. Saberes populares. Feria.